

PAISAGENS DE LIRISMO E NOSTALGIA: A TRAJETÓRIA DE ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

Entrevista com João Perdigão, autor da
primeira biografia de Guignard

José Antônio Orlando ^[*]

“Um homem que trabalhou com o que gostava e que nunca se importou com dinheiro” – escreve o biógrafo João Perdigão na introdução ao livro *Balões, vida e tempo de Guignard: Novos caminhos para as artes em Minas e no Brasil*, em lançamento pela Autêntica, editora de Belo Horizonte. Trata-se da primeira biografia publicada de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), mestre das artes plásticas que nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, com uma marca hoje contornável, mas que naquela época o atormentou pela vida inteira: uma fissura labiopalatal, mais conhecida como lábio leporino, mostrando em seu rosto uma abertura entre o nariz e o lábio superior e provocando uma estranha dicção que muitos confundiam com um sotaque por vezes incompreensível. A marca do lábio leporino foi pintada por ele em autorretratos e em personagens inopinados como palhaços, que também surgiram em suas telas com a mesma deformação congênita.

São as paisagens do Barroco Mineiro, assim como os retratos e os autorretratos, que fizeram de Guignard uma celebridade em sua época e um dos pintores preferidos de personalidades de prestígio e referência como os escritores Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Murilo Mendes, entre vários outros importantes admiradores de sua arte. Na trajetória de Guignard há muitas paisagens mineiras, em recriações ditas imaginárias ou “imaginantes”, com contornos de montanhas e balões de São João no céu, marcando as lembranças nostálgicas do pai que

ele perdeu ainda na infância, e muitas flores, arranjos, naturezas-mortas, Cristos crucificados, figuras de santos, fachadas de igrejas, imagens de festas populares e de gente humilde. “Guignard até conquistou algum reconhecimento em vida e viu o mercado se aquecer para o seu trabalho, mas nunca o suficiente para tirá-lo do aperto”, relata João Perdigão, explicando que o artista preferia sempre gastar todo o dinheiro em noitadas ou em qualquer botequim.

“Tal atitude se refletia no modo pelo qual distribuía suas obras: se gostasse da pessoa, ele doava de coração; se passasse por qualquer necessidade, trocava por refeições, engradados de cerveja, garrafas de vinho ou o que sua sede pedisse”, completa o biógrafo, ressaltando que a partir dos anos 1940, quando se mudou em definitivo para Minas, Guignard viu seu nome ascender junto aos maiores cânones da pintura brasileira, tornando-se um dos artistas mais respeitados do país. “Ele passou por momentos de aceitação e de recusa do Modernismo e viveu no meio do fogo cruzado da cena cultural de seu tempo”, destaca João Perdigão, que iniciou o projeto para escrever a biografia em 2013, a partir da indicação de um amigo que comentou sobre uma entrevista de Yara Tupynambá. Na entrevista, a artista veterana, que foi aluna de Guignard, recomendava que algum jovem deveria escrever a biografia do mestre. Segundo Perdigão, o projeto ganhou força a partir do final do 2016, contando com o apoio de vários amigos, entre eles Rejane Dias, da editora Autêntica.

A biografia de Guignard é o quarto livro de João Perdigão, mineiro da cidade de São Domingos do Prata, também jornalista e, desde 2010, coeditor da revista colaborativa “A Zica”, publicação de Belo Horizonte que, a cada edição, escolhe uma pauta de temas dos mais provocativos e divulga artistas gráficos, quadrinistas e escritores contemporâneos. Seu primeiro livro, *Tropecassino: um jogo em fantasia*, apresentado como monografia de pós-graduação em Arte e Contemporaneidade na Escola Guignard e editado de forma independente em 2009,^[1] relata o processo de escrita, em coautoria com Euler Corradi, de *O rei da roleta: a incrível vida de Joaquim Rolla* (editora Casa da Palavra, 2012), biografia do empresário mineiro que levantou o lendário Cassino da Urca, no Rio de Janeiro. Em 2016, publicou *Viaduto Santa Tereza* (editora Conceito), sobre um dos principais cartões postais de BH. Para a pesquisa e a escrita de *Balões, vida e tempo de Guignard*, o autor reconhece que precisou lidar com questões que envolveram maior complexidade. “As pessoas do mundo da arte são pouco generosas e talvez até um pouco carrancudas para dialogar”, justifica.



João Perdigão - Petrópolis

Alberto da Veiga Guignard, no retrato delineado por João Perdigão em pouco mais de 330 páginas, que incluem fotografias do artista e uma seleção de 40 obras com reproduções em cores, surge em uma narrativa cronológica que revela tanto o contexto histórico como a intimidade e o jeito de ser de um homem que, nas palavras do biógrafo, “nasceu, a um só tempo, príncipe e patinho feio”. Como a maioria dos artistas que vive da sua arte, Guignard enfrentou muitas dificuldades financeiras, com pouca sorte no amor, algumas decepções e muitos tropeços em sua trajetória – o que não impediu, em nenhum momento, sua generosidade com os amigos que cultivou em suas andanças e seu afeto compartilhado pelos muitos alunos que formou até sua morte, aos 66 anos, em Belo Horizonte.

O artista teve, ainda na infância, uma perda traumática, com a morte do pai, provocada por um acidente com uma arma de fogo. A mãe se casaria novamente com um barão europeu decaído que nunca demonstrou afeição pelo enteado e, em seguida, a família passaria a viver na Europa, morando sucessivamente em diversos países. O padrasto levou Guignard para um internato agrícola na Alemanha, onde ele não conseguiu se adaptar, e por iniciativa da mãe foi matriculado na Academia de Belas Artes de Munique em 1916, quando a Europa estava mergulhada na Primeira Guerra Mundial.

Em Munique, na Alemanha, na França, na Itália e em outros países europeus, o jovem Guignard fez seu aprendizado com formação no mundo das artes e conviveu com grandes mestres. Enquanto estudava e desenvolvia as técnicas de seu fazer artístico, durante as férias fazia o seu “Wanderjahre”^[2] intuitivo e pessoal. De volta ao Brasil, em 1929, travou contato com a geração modernista e se tornaria professor, primeiro no Rio de Janeiro, onde teve alunos como Iberê Camargo, e depois em Belo Horizonte, a partir dos anos 1940, onde formou nomes como Amilcar de Castro, Farnese de Andrade, Yara Tupynambá e vários outros na Escola de Belas Artes que, décadas depois, seria a Escola Guignard.

Apesar da vida dramática que teve, o lirismo é a característica principal da arte criada por Guignard. Uma arte pontuada de humanismo, de nostalgia e de imaginação, com elementos figurativos e concepções estéticas de referências distintas que se aproximavam tanto dos expressionistas como da temática do barroco, da tradição oriental e do primitivismo. A abordagem moderna da arte de Guignard angariava prestígio e o levou a ser comparado por muitos críticos a outros grandes mestres do Modernismo no Brasil, ou até mesmo a ser considerado superior a Candido Portinari, Di Cavalcanti, Lasar Segall ou Tarsila do Amaral e às obras que cada um deles produziu.

Na atualidade, a arte de Guignard é disputada em leilões e está presente no acervo dos mais importantes museus do Brasil e do exterior, entre eles o MoMA, Museum of Modern Art de Nova York, que desde a década de 1940 conta com duas de suas obras: um estudo em tinta sobre papel e a pintura em óleo sobre madeira “Noite de São João” (“Ouro Preto: St. John’s Eve”), considerada uma das mais conhecidas “paisagens imaginantes com balões” do artista, com inspiração nos casarios barrocos e nas montanhas de Ouro Preto.^[3] Guignard foi um artista imenso e a extensa obra que ele criou permanece como referência grandiosa e comovente. Como destaca o biógrafo João Perdigão, nesta entrevista, “Guignard era tão grande que considerá-lo mineiro é uma licença poética que nós, mineiros, tomamos de empréstimo ao estado do Rio de Janeiro, que ‘roubou’ a nacionalidade de tantos mineiros ilustres que foram viver em sua capital”.

Pergunta – *No livro você destaca que quando Alberto da Veiga Guignard começou a frequentar Ouro Preto, nos anos 1940, tanto a cidade como a arquitetura barroca tornaram-se inspirações muito fortes e muito presentes em sua obra, principalmente em suas paisagens repletas de igrejas barrocas, reais ou imaginárias. Por quais motivos houve esta identificação tão intensa? Por que a temática do Barroco Mineiro se tornou uma das questões centrais e fundamentais na obra de Guignard?*

João Perdigão – Na minha opinião, há uma soma de fatores que levaram Guignard a se apaixonar por Ouro Preto. Primeiro, porque já havia um consenso entre alguns de seus amigos intelectuais (Mário de Andrade e Manoel Bandeira, entre outros), que ovacionavam a antiga capital mineira como uma preciosa joia de um passado distante do Brasil colonial. E também porque ele nasceu em Nova Friburgo e viveu grande parte de sua infância em Petrópolis. Pelo fato de ter nascido e vivido na Serra Fluminense durante sua infância e de ter crescido na Europa, num ambiente artístico, talvez ele identificasse o ambiente de outrora e de outros lugares numa cidade encravada no interior do Brasil, onde inclusive poderia encontrar-se com turistas do mundo inteiro. Finalmente, acredito que houve uma coincidência, porque Guignard conheceu Ouro Preto quando chegou na cidade durante a noite e passou a madrugada em claro, sem encontrar um hotel para dormir, o que lhe causou uma primeira impressão de uma região bastante sinistra, chegando a se arrepender de ter ido parar ali. Mas depois de ver o sol nascer do alto do morro, parece que ele teve um sentimento mágico, quase psicodélico, de quase ver as igrejas subirem às nuvens. Deve ter sido uma paixão arrebatadora, que causou uma espécie de êxtase que ele carregou pela vida inteira.

No glossário de movimentos artísticos que abre o livro com sua biografia de Guignard, você indica o papel importante dos primeiros modernos brasileiros, dos anos 1920-1940, em valorizar e catalogar as obras do Barroco Mineiro, que até então eram desconhecidas do grande público, enquanto os modernos na Europa elegeram a Arte Naïf como influência primordial. O fato de Guignard ter seu período de aprendizado e formação na Europa, só retornando ao Brasil em 1929, explica e legitima a aproximação que sua obra representa entre o Barroco Mineiro e alguns elementos primitivistas, como as proporções distorcidas ou a liberdade estética das cores na sua iconografia?

O modo como Guignard interpretou a cidade de Ouro Preto em suas primeiras pinturas, na maioria das vezes, era uma tentativa de retratar a cidade de forma fidedigna. Mas ao longo de sua familiaridade com a região, ele começou a desenhar suas ruas, suas ladeiras e seus arredores de modo cada vez mais “imaginante”, ou imaginário, e grande parte dessas telas eram adaptações do Barroco Mineiro com citações de detalhes da arquitetura pernambucana e outros elementos. Eram concepções quase surrealistas, que aos olhos de um leigo poderiam soar como algo feito por um artista primitivo. Confesso que, quando criança, eu mesmo tinha essa impressão sobre a obra de Guignard. Mas tudo que ele produziu, principalmente em paisagem, era de uma sofisticação tão singela, que só podemos atribuir tal habilidade ao seu gênio. É muito raro algum dos artistas de maior importância admitir, para definir seu trabalho, que está ligado a alguma escola ou a algum movimento de vanguarda. Com Guignard não foi diferente.



Ouro Preto (óleo) - Guignard

Ainda no que se refere à questão da aproximação que a obra de Guignard representa entre o Barroco Mineiro e o primitivismo, lembro que o crítico Lourival Gomes Machado, no ensaio “Retrato da Arte Moderna do Brasil”,^[4] publicado em 1947, argumenta que Guignard retrata, com lirismo e nostalgia, a alma do povo simples, dos tipos populares que estão nas festas e nas paisagens bucólicas do interior do Brasil, enquanto no cânone modernista da pintura de Candido Portinari, por exemplo, o brasileiro surge com expressão mais séria e mais sisuda, como um trabalhador forte, quase sempre ligado à terra e às questões sociais. Você concorda que Guignard vem inaugurar este “lirismo nacionalista” da segunda fase do Modernismo no Brasil?

Guignard era nacionalista de uma forma pessoal. Ele amava cada peculiaridade do Brasil retratada em sua obra, era apaixonado por cada faceta, por cada detalhe. Às vezes penso que ele teve esta atitude tão amorosa com o país e com a cultura brasileira para que o definissem como um brasileiro nato. No livro eu descrevo uma passagem em que ele chegou a rechaçar

de um jeito bem radical uma situação em que foi chamado de gringo. Quanto à questão do “lirismo nacionalista” dentro do Modernismo, não sou um especialista nem um conhecedor das obras de uma ampla gama de artistas daquele período, como foi Lourival Gomes Machado. Mas concordo com todas as considerações que ele apresenta sobre o lugar e a importância de Guignard na história do Modernismo no Brasil.

Nas últimas décadas, estudiosos da arte brasileira como Lourival Gomes Machado, Rodrigo Naves, Ronaldo Brito, Sonia Salzstein, Annateresa Fabris, Carlos Zilio, Frederico Morais e Lélia Coelho Frota, entre outros, tentaram problematizar a “ingenuidade” de Guignard e ajudaram a ampliar a compreensão de sua obra. Dos estudos críticos e ensaios biográficos já publicados sobre Guignard, quais você destaca como mais importantes? A biografia que você publicou tem um diálogo mais próximo com algum destes estudos e autores, ou estabelece algum contraponto que se opõe a questões que estavam publicadas sobre a vida e obra de Guignard?

Todos os estudos sobre Guignard que você menciona são da maior importância. Alguns trazem apontamentos sobre quem foi ele, outros partem da análise de determinadas obras, além de se dedicarem a temas e períodos específicos em relação a sua vida e sua arte. Quanto ao diálogo com todos estes estudos críticos e ensaios, na biografia que publiquei, reconheço que, diferente dos autores que você citou, eu só procurei fazer uma biografia, pesquisei para contar a história da vida de Guignard, sem academicismo demais, mas sem ignorá-lo também. Minha intenção desde o início foi escrever um livro que pudesse ser lido por qualquer leigo, por qualquer pessoa que tenha interesse pela vida de um artista tão sofrido e tão importante para a identidade artística brasileira no século 20 como foi Alberto da Veiga Guignard.

Pensando naquele provérbio popular que diz “sorte no jogo, azar no amor”, você diria que as sucessivas decepções amorosas foram determinantes na trajetória de Guignard?

Assim como seu defeito congênito (a fissura labiopalatal) e a perda do pai ainda criança, cada decepção amorosa ou financeira foi determinante para Guignard se tornar aquele artista tão peculiar. O modo como ele tratava as pessoas talvez fosse um sinal do que, na verdade, era a arte para ele. Porque ele simpatizava com quem simpatizava com sua obra, independente de credo político ou religioso. As moças por quem se apaixonou também são relevantes de serem comentadas, a começar pela sua primeira e única esposa, Annie Döring, a pianista que teria abandonado Guignard logo que o matrimônio se concretizou, em 1924. Nas décadas seguintes ele teve outros relacionamentos ou tentativas aparentemente mais tranquilas para ser cavalheiro, primeiro com Iris Banchi, filha do dono da pensão onde ele viveu em Florença, na Itália, ainda nos anos 1920; depois, no Rio de Janeiro, com a também pianista Amalita Fontenelle, de 1934 a 1938; e, finalmente, com a poeta Celina Ferreira, durante os anos 1950, em Belo Horizonte. Celina se casou logo depois, mas continuou amiga dele. No final da vida, Guignard ainda teve diversas paixões fugazes que não foram desenvolvidas, mas seu sentimento mais belo neste sentido pode ser creditado a Ouro Preto, que era sua cidade-amor-inspiração e lhe trouxe tanto acolhimento humano e conforto para descansar.



Alberto da Veiga Guignard

Você relata no livro que Guignard teve uma trajetória conturbada, talvez agravada por ele sempre ter sido boêmio, porque estava constantemente sem dinheiro, vivendo de favores e até sendo explorado em certas circunstâncias. O alcoolismo foi mesmo um grande problema para Guignard?

O alcoolismo pode ter atrapalhado sua sociabilidade e pode ter levado Guignard a viver em situações próximas da marginalidade, já que seu espírito generoso até permitia que “amigos do momento” explorassem de seus bens financeiros nos períodos em que ele chegou por algum motivo a ter dinheiro sobrando. E sim, a exploração de Guignard pela Tradicional Família Mineira poderia acontecer, e acontece, a qualquer momento. A diferença é que não temos gênios nascidos como ele a cada esquina.

Guignard conviveu com grandes personalidades da cultura brasileira do último século e foi amigo muito próximo de vários artistas e escritores. Entre todos, quais amigos e convivas tiveram maior importância ou maior influência sobre a pintura e outras técnicas (desenho, colagens, artes gráficas, gravuras, cenários, figurinos) da arte produzida por Guignard?

A maior fonte de inspiração e de influências de Guignard, sem dúvida, foi o pintor Ismael Nery, um dos primeiros amigos que ele conheceu logo que chegou ao Rio de Janeiro em 1929, quando retornou da Europa. E talvez, de soslaio, o poeta Murilo Mendes, que formava uma dupla criativa com Ismael Nery naquele contexto e continuou convivendo com Guignard ao longo da vida, e até chegou a citá-lo em um belo poema sobre Ouro Preto. Mas não sou um profundo conhecedor da arte brasileira, nem mesmo da obra do próprio Guignard, a ponto de ver traços de similaridade de sua obra com algum artista brasileiro. Afinal, ele chegou da Europa com uma formação que já estava muito consolidada. Definitivamente, ele possuía um estilo muito próprio, muito pessoal, e teve mais imitadores do que podemos imaginar.

Há quem afirme que Guignard foi a personalidade mais importante das artes plásticas em Minas Gerais no século 20. Você concorda com esta avaliação? Algum outro artista ou personalidade da arte rivaliza com Guignard em importância e influência, inclusive como educador no campo da arte?

Como artista, podem até considerar outra pessoa, mas como educador da arte, não tem para ninguém. É importante ressaltar que o curso livre de artes que ele fundou no Parque Municipal, em Belo Horizonte, continuou a existir pela persistência dele e de seus alunos mais próximos. Ao final de sua vida, ele chegou mesmo a doar a venda de vários quadros para a manutenção do que viria a se tornar a Escola Guignard. Desconheço tanta força de vontade de outra pessoa pela existência de uma escola. Guignard era tão grande que considerá-lo mineiro é uma licença poética que nós, mineiros, podemos tomar de empréstimo ao estado do Rio de Janeiro, que 'roubou' a nacionalidade de tantos mineiros ilustres que foram viver em sua capital.

Contar a trajetória de Guignard é seu segundo projeto biográfico, escrito depois do livro sobre a vida do empresário mineiro Joaquim Rolla, "O rei da roleta", em parceria com Euler Corradi, e do livro "Viaduto Santa Tereza", sobre um dos mais tradicionais monumentos de Belo Horizonte. Com Guignard o desafio da pesquisa e da escrita envolveu uma maior complexidade?

Envolveu sim, pelo fato de que, geralmente, as pessoas do mundo das artes são pouco generosas e talvez até um pouco carrancudas para dialogar. Mas foi prazerosa a experiência da pesquisa e da escrita da biografia de Guignard porque passei a conhecer mais e melhor o circuito das artes plásticas daquele tempo. A pesquisa teve início quando escrevi a monografia "Tropecassino: um jogo em fantasia", como trabalho final para um curso de pós-graduação na Escola Guignard, em 2009. Foi quando conheci o trabalho majestoso do artista gráfico, pintor e jornalista Tomás Santa Rosa que, depois eu descobriria, foi indicado ao então prefeito Juscelino Kubitschek para fundar uma escola de artes em Belo Horizonte. Santa Rosa não pôde aceitar o convite e, ao declinar, acabou sendo um dos incentivadores para que Guignard saísse do Rio de Janeiro e viesse para

a capital mineira. Toda a minha experiência de conhecer os grandes nomes do Modernismo compartilho com o leitor, de certa forma, com o “Glossário de nomes” que incluí na parte final do livro, com uma pequena biografia dedicada a cada um deles.



Guignard - aula no Parque Municipal - acervo pessoal

Todos os motivos e coincidências que você relata na introdução do livro, que o levaram ao projeto para escrever uma biografia de Guignard, foram esclarecidos e alcançados? Ou ainda restam perguntas sem resposta sobre a vida e o tempo de Guignard?

Claro que restam perguntas sem resposta sobre a trajetória de Guignard. Não existe uma única “biografia definitiva” de ninguém e com Guignard não é diferente. Tenho muita curiosidade, por exemplo, em saber sobre a vida de Guignard na Europa, que vai ser melhor relatada em um livro que está para ser lançado pelo jornalista Marcelo Bortoloti e que deve ter o título “Anjo Mutilado”. Minha intenção desde o começo do projeto para a biografia era pesquisar a vida de Guignard na Europa, assim como fez o Bortoloti, mas como não tive verba para tal, fiz da forma que foi possível, investindo em diversos cenários e em histórias de fontes paralelas. O resultado

final eu considero bastante positivo para o leitor que tem interesse de conhecer, além da vida do artista, o duro surgimento e a ascensão do Modernismo no Brasil.

Para concluir, uma pergunta inevitável para o biógrafo: quem foi Alberto da Veiga Guignard?

Guignard foi um artista tão talentoso quanto generoso, tão inocente quanto boa gente, um homem que se nascesse a qualquer tempo seria tanto reverenciado como incompreendido pelas pessoas.

Referências Bibliográficas

- BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.
- DUARTE, Paulo Sergio. Guignard: A memória plástica do Brasil moderno. In: *Catálogo da exposição Guignard*, Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015.
- FABRIS, Annateresa. *Modernidade e Modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.
- FROTA, Lélia Coelho. *Guignard: Arte, vida*. Rio de Janeiro: Editora Campos Gerais, 1987.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Retrato da Arte Moderna do Brasil*. São Paulo: Coleção do Departamento de Cultura, 1947.
- MORAIS, Frederico. *O humanismo lírico de Guignard*. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 2000.
- NAVES, Rodrigo. O Brasil no ar: Guignard. In: *A forma difícil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- PERDIGÃO, João. *Balões, vida e tempo de Guignard: Novos caminhos para as artes em Minas e no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- PERDIGÃO, João; CORRADI, Euler. *O rei da roleta: a incrível vida de Joaquim Rolla*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- PERDIGÃO, João. *Tropeçassino: um jogo em fantasia*. Monografia de pós-graduação em Arte e Contemporaneidade. Belo Horizonte: Escola Guignard, 2009.
- PERDIGÃO, João. *Viaduto Santa Tereza*. Belo Horizonte: Editora Conceito, 2016.
- SALZSTEIN, Sônia. Um ponto de vista singular. In: *Catálogo da exposição Guignard*, Museu Lasar Segall, São Paulo, 1992.
- ZILIO, Carlos (org.). *A modernidade em Guignard*. Rio de Janeiro: FUNARTE e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1982.

Notas

- * JOSÉ ANTÔNIO ORLANDO - jornalista, mestre e doutorando em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais.
- 1 A monografia *Tropecassino: um jogo em fantasia*, editada no formato de livro de artista, está disponível on-line em <<https://tropecassino.blogspot.com/2015/12/tropecassino-um-jogo-em-fantasia-2009.html>> Acesso em: 15 maio 2021.
- 2 *Wanderjahre* era um roteiro tradicional de viagens culturais seguido por estudantes e herdeiros da aristocracia pelos principais países da Europa com o objetivo de aprender sobre os cânones artísticos, os museus e galerias de maior importância, os grandes monumentos arquitetônicos e os locais que foram marcantes para grandes personalidades da política, das artes e da literatura.
- 3 As obras de Guignard que pertencem ao acervo do MoMA estão disponíveis em versão on-line em <<https://www.moma.org/artists/2401#works>> Acesso em: 15 maio 2021.
- 4 MACHADO, Lourival Gomes. *Retrato da Arte Moderna do Brasil*. São Paulo: Coleção do Departamento de Cultura, 1947.